

A REAL FÁBRICA DE SÃO JOÃO DE IPANEMA

INTRODUÇÃO

Nos fins do século XVI, os *gigantes do bandeirismo* tiveram ensejo de descobrir algumas jazidas de ferro num local não muito longe da vila de São Paulo, nas proximidades de um rio denominado, pelos selvícolas, de Ipanema.

Foi nessa região que surgiu a primeira fábrica de ferro do Brasil, cujos 270 anos de existência apresentaram períodos de progresso e desenvolvimento ao lado de épocas críticas e obscuras.

Constituiu, sem dúvida alguma, a primeira tentativa no sentido da introdução da indústria siderúrgica no Brasil. Se na realidade fôsse levada avante, certamente os capítulos da história econômica do Brasil, teriam sido escritos de outra forma.

Se porventura a Fábrica de Ipanema não tivesse tido uma existência tão irregular e não tivesse experimentado o mais completo fracasso, a economia da nossa Pátria teria um outro desenvolvimento. Múltiplas causas concorreram para a vida irregular da Fábrica de Ferro de Ipanema. Procuraremos demonstrá-las durante o transcorrer do nosso trabalho.

*
* *
*

PRIMEIRA FASE

ORIGEM. DESENVOLVIMENTO INICIAL. O ABANDONO DA FÁBRICA.

Datam de 1590 as primeiras tentativas das explorações das minas de ferro (magnetita) da região de Ipanema. Alguns bandeirantes, supondo existir metais preciosos nas aludidas minas, resolveram explorá-las. Afonso Sardinha foi o empreendedor da primeira tentativa no sentido de explorar o ouro, por mais incrível que pareça, numa jazida de ferro. Mais do que evidente, em vão foram tôdas essas tentativas, pois, nenhuma grama do metal precioso foi extraída. Sardinha um tanto desanimado pelo insucesso das suas explorações, resolveu voltar suas atenções para o minério do metal útil que ali abundava. Construiu uma pequena fábrica dotada apenas de um forno destinado à fabricação do ferro.

O govêrno lusitano mostrou-se interessado pela referida fábrica. Enxergou nela uma possibilidade de torná-la uma fonte extraordinária de material bélico. Foi encarregada uma comissão para estudar as possibilidades das jazidas e por outro lado a possibilidade da ampliação da fábrica. Como chefe fez parte dessa comissão D. Francisco de Souza, administrador Geral das Minas do Brasil. Este, após verificar serem esplêndidas as condições, obrigou Afonso Sardinha a fazer cessão à Corôa das referidas jazidas e da fábrica. Não consta ter sido Afonso Sardinha indenizado pelo govêrno português pela perda dessas suas propriedades.

No referido local, cujo nome era "Aroçoiaba", surgiu um pequeno povoado que recebeu o nome de "Itapebuçu", mais tarde transferido para o local onde atualmente se estende Sorocaba. Essa foi a origem da referida cidade(1).

A transferência do povoado das proximidades da fábrica de ferro para a atual região de Sorocaba determinou o abandono da exploração do minério, assim como da fábrica.

Em 1629 caía por terra a pequena fábrica completamente abandonada. Por que teria o govêrno se desinteressado dessa atividade? Talvez a mineração do ouro, cujo desenvolvimento nessa época foi extraordinário, teria provocado o esquecimento da fábrica de ferro.

Em 1681 novamente o govêrno português iria se interessar pela mesma. Assim as minas de Ipanema saíram do olvido, voltando a preocupar os portugueses. Foi nomeado o frei Pedro de Souza para examinar e estudar a região(2). No entanto, nada de positivo resultou da observação do frei Pedro de Souza. Em 1750 permitiu o rei de Portugal a exploração das minas de Ipanema por particulares. Foi organizada uma sociedade, de caráter inteiramente particular, isto é, sem a mínima participação do govêrno. Tomaram parte nessa empresa os seguintes sócios: Domingos Ferreira Pereira, que aliás recebeu do rei o privilégio de explorar as minas e de montar uma fábrica de ferro; Mateus Lourenço de Carvalho, capitães Manuel del Lineiva Cardoso, Antônio Lopes, Jacinto José de Abreu, Antônio Romar Dória, João Geraldi; Sargento Mor Antônio Ferreira de Andrade(3).

(1). — De acôrdo com o relatório do engenheiro J. Eubank da Câmara, referente aos trabalhos da Fábrica de Ipanema. O mencionado relatório foi escrito em 1875 e se encontra na Biblioteca Municipal.

(2). — De acôrdo com a Carta Régia de 18 de agosto de 1681.

(3). — De acôrdo com contrato realizado na cidade de São Paulo, onde lemos: "Saibão quantos este público instrumento de Escritura do **Contrato Sociedade Companhia** com por direito melhor nome e lugar haja virem, etc. sendo no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e setecentos e setenta e sete, aos seis dias do mês de maio do dito ano nesta cidade de São Paulo em casa de morada do cap. Jacinto José de Abreu donde eu público tabelião adiante nomeado..... Mais adiante se lê a seguinte frase: "Por ête (Domingos Ferreira Pereira) que sua Majestade Fidelíssima, que Deus o guarde, lhe fez a mercê que consta da cópia..."

No mesmo texto ainda encontramos registrado o capital da sociedade que foi de 10.000 cruzados.

A referida sociedade 27-anos após a permissão real, isto é, em 1777, foi fundada. Não foi, todavia, levado avante esse empreendimento. Tais foram as exigências e onus, enfim, impostos cobrados pelo governo que pouco tempo depois obrigaram os referidos aventureiros a abandonarem a região definitivamente. Desaparecia assim a Fábrica de Ipanema.

*
* *

SEGUNDA FASE

RENASCIMENTO DA INDÚSTRIA DE IPANEMA. DECADÊNCIA.

Só restavam as minas em Ipanema. Tudo o mais fôra abandonado. Foi então que o famoso Conde de Linhares, encarregou o governador Melo, Coronel Cândido Xavier de Almeida e João Manso de explorarem as minas de Araçoiaba. A fábrica foi reconstruída em 1803; o coronel Martim Francisco de Andrade, inspetor geral das minas e dos bosques da capitania de São Paulo, ou melhor da província de São Paulo, procurou apoiar os trabalhos no sentido de melhorar as condições da fábrica(4).

Os trabalhos, entretanto, não foram iniciados. Não havia técnicos ou, como chamavam na época, "artistas" suficientes para realizar os trabalhos vários exigidos para a produção do ferro. Sendo o minério de ferro de Ipanema encontrado unido à apatita (minério de fósforo), precisava êle ser isolado para a obtenção do ferro puro. Os processos até então empregados eram rudimentares e impediam uma grande produção.

O problema foi resolvido com o contrato de técnicos suecos. Em Estocolmo, no dia 21 de dezembro de 1809 foi assinado um contrato pelo qual técnicos daquela nação deveriam vir a Ipanema a fim de desenvolver a siderurgia. Carlos Gustavo Hedberg foi o chefe dos mencionados técnicos, tornando-se o diretor da Real Fábrica de São João do Ipanema(5).

Tudo indicava, tudo mostrava que uma época de esplendor iria ter a referida fábrica. Engano, grande engano. A Suécia não nos enviou verdadeiros técnicos, homens hábeis, úteis, mas sim

(4). — De acôrdo com os documentos: Carta Régia datada de 4 de dezembro de 1804, enviado ao conde de Palma sobre a criação da Real Fábrica de São João do Ipanema.

(5). — De acôrdo com a cópia do contrato celebrado entre o Brasil e a Suécia, onde o nome Carlos Gustavo Hedberg aparece como o indicado para dirigir os trabalhos da Real Fábrica de São João do Ipanema, no dia 21 de dezembro de 1809.

peças desprovidas de honestidade, dominadas pelos mais infames vícios, inclusive a embriaguês sistemática. Tais indivíduos nada fizeram em Ipanema, a não ser desvios de materiais e dinheiro e os constantes escândalos próprios das pessoas altamente alcooizadas(6).

Em 1814, no dia 27 de outubro, foi demitido o diretor sueco após ter sido provada a sua incompetência e sua falta de probidade. O mesmo decreto nomeava o engenheiro Frederico Luiz Guilherme Varnhagen como diretor da Real Fábrica de Ferro Ipanema e como seu auxiliar o Tenente-Coronel Barão d'Eschwege(7).

A sociedade, que fôra organizada em 1811(8), formada por vários acionistas e com um capital de 48:000\$000(9), divididos em 60 ações de 800\$000 cada uma (tendo o príncipe regente, mais tarde D. Pedro I, Imperador do Brasil, subscrito 13 ações) estava bastante descontente com a situação da fábrica(10).

O ambiente não era de todo auspicioso para Varnhagen. Dificuldades inúmeras teria êle de enfrentar a fim de levar avante a "Real Fábrica de São João do Ipanema".

Os trabalhos efetuados durante a gestão de Hedberg não foram nada produtivos(11). O capital empregado na aquisição de máquinas indispensáveis e na construção de uma grande represa d'água do rio Ipanema, na construção de quatro fornos e demais obras acessórias, não fôra resgatado, pelo contrário, inúmeras dívidas tinham sido contraídas(12).

O problema financeiro se mostrara grave e da solução do mesmo dependia o progresso ou o completo fracasso da fábrica. Lutou como um herói Varnhagen para conseguir resolvê-lo, porém faltou o apoio do governo. Somente um milagre poderia salvar da falência completa a infeliz Real Fábrica de São João do Ipanema(13).

(6). — Conforme o relatório sobre a Fábrica de São João do Ipanema, datado de 7 de fevereiro de 1827 e assinado pelo governador da Província, o Visconde de Congonhas de Araujo (Lucas Antônio Monteiro de Barros), diz o seguinte: "...artistas estrangeiros inábeis e entregues a embriaguês, vencendo assim mesmo extraordinários salários..."

(7). — Conforme a cópia da Carta Régia enviada ao conde de Palma em 27-10-1814. Aparece no referido documento claramente as razões da demissão de Hedberg, como a falha contabilidade do referido diretor sueco. O nome de Varnhagen é apontado como exemplo de honestidade, energia suficiente e capacidade de levar para a frente os trabalhos da Real Fábrica de São João de Ipanema.

(8). — Conforme o contrato e lista de acionistas datada de 25 de abril de 1811.

(9). — Documento referente ao recebimento do dinheiro dos acionistas, datado de 13 de maio de 1811.

(10). — Ordem do conde de Linhares no sentido de segurar o capital dos acionistas da Real Fábrica de Ipanema.

(11). — Conforme o inventário de todos os papéis da fábrica de Ipanema.

(12). — Prestação de contas do diretor sueco, onde se lê as relações das dívidas.

(13). — Vários officios de Varnhagen ao governador José Carlos Augusto Oyhhausen, onde explica as dificuldades financeiras da fábrica.

Os trabalhos, apesar das dificuldades, foram iniciados(14). Foi construído um alto forno revestido inteiramente de grês refratário, tendo sido iniciada a fundição(15).

A questão financeira, todavia, continuava a preocupar Varnhagen. Surgiu então, como verdadeiro milagre, um gentil oferecimento por parte de Rafael Tobias de Aguiar, rico fazendeiro da região de Sorocaba. O notável Brigadeiro paulista ofereceu a quantia de dois contos de réis como empréstimo, que deveria ser pago quando a situação financeira da fábrica assim o permitisse(16). Não resta a menor dúvida que o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar foi bastante generoso(17), pois além de não cobrar juros, não estipulou o prazo para o pagamento. É interessante observar que a referida quantia, naquela época (1821), era verdadeiramente fabulosa(18). A boa vontade de Rafael Tobias de Aguiar, sem dúvida alguma veio minorar as grandes dificuldades financeiras, mas não as extinguiu, não as fêz desaparecer.

Ao lado das dificuldades financeiras se erguiam numerosos impecilhos, atentando todos contra o progresso da fábrica. O primeiro deles foi a falta de matéria prima, isto é, de carvão, elemento imprescindível na fabricação do ferro. O referido produto, importado da Inglaterra, não estava correspondendo às necessidades da fábrica, havendo mesmo em determinadas épocas absoluta falta do mesmo, o que paralizava a fabricação do ferro e de artefatos dêste(19).

Um outro grande impecilho foi a falta de mão de obra. Os operários da fábrica, além de serem poucos, não eram especializados. Pouco ou quase nada haviam aprendido dos suecos(20). Evidentemente u'a mão de obra não especializada jamais poderia produzir um trabalho perfeito. Realmente, rudimentares e de má qualidade foram as suas realizações. Além de imperfeitas foram muitas vêzes inúteis, mercê dos graves erros técnicos cometidos. Fabricou-se de uma feita uma grande quantidade de projéteis para o exército português. Sômente depois de fabricadas as balas, verificou-se que as mesmas não poderiam ser usadas, dado a dife-

(14). — Offício de Varnhagen ao governador Oiyhausen comunicando o início das atividades.

(15). — Offício de Varnhagen comunicando ao governador a construção de obra na fábrica.

(16). — Conforme o offício de Varnhagen ao governador Oiyhausen, datado de 15 de abril de 1821.

(17). — Carta de Rafael Tobias de Aguiar oferecendo a quantia de dois contos de réis como empréstimo aos cofres da Real Fábrica de São João do Ipanema.

(18). — De acôrdo com o offício de Varnhagen ao governador Oiyhausen, datado de 18 de julho de 1821, comunicando o recebimento de um conto de réis, correspondente ao empréstimo de dois contos de réis feito pelo Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar.

(19). — Offício de Varnhagen dirigido ao governador sôbre a falta de carvão, datado de 19 de maio de 1820.

(20). — Offício de Varnhagen dirigido ao governador cujo teor mostra a falta de mão de obra especializada (16 de agosto de 1820).

rença de calibre(21). Ora, não poderiam ter visto tal circunstância antes de fabricá-las?

As dificuldades por nós apontadas já poderiam determinar o fracasso de uma obra. Devemos, no entanto, acrescentar às mesmas os ódios, os ressentimentos suscitados pela nobre conduta de Varnhagen nos elementos relapsos, improbos, relacionados com a fábrica.

Não resistiu Varnhagen diante das infames calúnias e das tremendas provocações criadas pelos seus opositores(22). Em 1822, grandemente aborrecido, retirou-se para a Europa. A saída de Varnhagen não significou apenas a perda de um grande engenheiro, mas sim a morte da última esperança do reerguimento da indústria siderúrgica no Brasil. A decadência de Ipanema se acelerou após a retirada de Varnhagen, vindo a perecer completamente.

Sucedeu a Varnhagen o capitão Rufino José Felizardo da Costa. De nenhuma forma foi felizardo o diretor Felizardo da Costa, que logo de início mostrou-se impotente para resolver o problema financeiro(23).

A decadência da Real Fábrica de Ipanema prosseguia preocupando sobremaneira o governador da província, o célebre visconde Congonhas de Campos(24). Num dos seus relatórios o referido governador apresentou a relação dos empregados da fábrica e de seus respectivos vencimentos, expondo claramente a precária situação da mencionada fábrica.

Citamos abaixo a tal relação:

Administrador	vencimentos mensais	600\$000
Capelão	100\$000
Guarda-Armazens	400\$000
Fiel do mesmo	144\$000
Cirurgião	400\$000
Feitor	100\$000
Outro dito	100\$000
Um Mestre maquinista	853\$638
Um mestre moldador	187\$680
Um feitor de animais	60\$000
Total.....		<u>2:945\$318</u>

(21). — De acôrdo com a cópia do aviso régio, datado de 3 de dezembro de 1819, o qual chegou ao Brasil em 15 de janeiro de 1820.

(22). — Offício de Varnhagen solicitando demissão, explicando as razões dessa sua atitude (3-1-1822).

(23). — Conforme offício de R. Felizardo da Costa dirigido ao governador da província sobre dificuldades financeiras.

(24). — Relatório do Visconde de Congonhas de Campos, Lucas Antônio Monteiro de Barros, datado de 7 de fevereiro de 1827.

Prosseguindo em seu relatório, o Visconde de Congônhas de Campos diz: "Em relação aos trabalhos, despesas de substâncias e principalmente o estado decadente da fábrica..., que nem sequer ainda chegam aos seus rendimentos para o pagamento das despesas ordinárias, quanto mais para a amortização da grande dívida que sôbre ela pesa..."

Em 1835 o Major Bloen tomou a direção da fábrica (25), realizando uma viagem de estudos a Europa. Essa nova tentativa no sentido de reerguer Ipanema, fracassou completamente.

Em 1860 (26) foi a fábrica dissolvida, abandonada definitivamente. O material da mesma foi totalmente perdido, dado a grande falta de meios de transporte. Cêrca de 270 anos se passaram e a Real Fábrica de São João de Ipanema se extinguiu, após uma vida irregular tão cheia de intempéries, tão plena de dificuldades.

CONCLUSÃO

Após o estudo detalhado da Fábrica de Ferro do Ipanema calcado em documentos em a sua maioria inéditos (27), a que conclusão poderíamos chegar?

Ipanema constitui para os brasileiros uma grande advertência. Agora que se fala em siderurgia nacional, agora que se prega em todos os rincões do país o promissor futuro de Volta Redonda, é necessário que o exemplo dado por Ipanema não permaneça no esquecimento dos nossos mandatários. As dificuldades que impediram o sucesso de Ipanema também poderão atentar contra a nossa indústria siderúrgica. Dificuldades financeiras ainda existem, a falta de carvão poderá advir caso nossas jazidas não sejam devidamente exploradas, a falta de mão de obra especializada poderá tornar-se uma realidade, caso os nossos técnicos não sejam estimulados.

Das ruínas da Fábrica de São João de Ipanema ergue-se um enérgico e significativo aviso aos brasileiros. Quiçá os nossos governantes possam compreendê-lo.

EMANUEL S. VEIGA GARCIA

Licenciado em Geografia e História (U.S.P.) e
professor do ensino secundário oficial.

(25). — Vide a nossa nota número 1.

(26). — Idem.

(27). — Os documentos consultados se encontravam no Arquivo do Estado de São Paulo na sala 7 M. 17 past. 1-2-3. Livro 35, folhas 38-39, 41 e 50.